

A construção da figura do ditador na obra “Eu o Supremo” de Augusto Roa Bastos

The construction of the figure of the dictator in the work “I the Supreme” by Augusto Roa Bastos

Sheila Morel Folgual Matias
Universidade Federal de São Paulo, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-2983-3466>

e-mail: sfolgual@gmail.com

Recibido: 15/10/2021
Aprobado: 12/12/2021

RESUMO

O presente projeto de pesquisa de mestrado tem por objetivo analisar os aspectos do protagonista da obra *Eu o Supremo*, de Augusto Roa Bastos, que o caracterizam como ditador. Relaciona-se o desenvolvimento do personagem na obra com as questões sociopolíticas e históricas que o constroem. O tema da ditadura no Paraguai, bem como na América Latina, teve grande repercussão na sociedade paraguaia (e latino-americana), o que se viu refletido em um novo olhar no discurso literário, pois aborda concepções e problemas sociais, gerando uma inovação no estilo da escrita ao trazer temas históricos e reais, criando assim um novo gênero de relato. É importante considerá-lo uma narrativa social, que procura mostrar uma sociedade oprimida pelo sistema e líder político, ressaltando os elementos que compõem o personagem principal, o Supremo. Pretende-se, ainda, cotejar as particularidades do romance com alguns críticos literários em relação à originalidade da concepção desse personagem, fazendo uma análise com as especificidades literárias na narrativa. Em toda a obra, o protagonista é construído por múltiplas vozes, marcando a densidade da personalidade desse personagem, identificando assim um discurso ditatorial de muitos significados. O que possibilita fazer uma associação com o processo político da época histórica à que o livro se refere, assim como o período em que foi escrito, permitindo compreender como esse protagonista consegue chegar ao perfil da característica de um ditador.

Palavras-chave: *Eu o Supremo*, Roa Bastos, romance de ditador, personagem, Paraguai.

ABSTRACT

This master's research project aims to analyze the aspects of the protagonist of the work *I the Supreme*, by Augusto Roa Bastos, that characterize him as a dictator. The development of the character in the work is related to the socio-political and historical issues that construct him. The theme of the dictatorship in Paraguay, as well as in Latin America, had great repercussion in Paraguayan (and Latin American) society, which was reflected in a new look in literary discourse, as it addresses social conceptions and problems, generating an innovation in the style of writing by bringing historical and real themes, thus creating a new genre of storytelling. It is important to consider it a social narrative, which seeks to show a society oppressed by the system and political leader, highlighting the elements that make up the main character, the Supreme. It is also intended to collate the particularities of the novel with some literary critics regarding the originality of the conception of this character, making an analysis with the literary specificities in the narrative. Throughout the work, the protagonist is built by multiple voices, marking the density of the personality of this character, thus identifying a dictatorial discourse of many meanings. This makes it possible to make an association with the political process of the historical period to which the book refers, as well as the period in which it was written, allowing us to understand how this protagonist manages to reach the profile of the characteristic of a dictator.

Keywords: *I the Supreme*, Roa Bastos, dictator's novel, character, Paraguay.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Ao pensar em um livro como *Eu o Supremo*, podemos considerar uma narrativa ficcional, com características históricas de um regime político que deixou marcas em uma sociedade.

Segundo, Rama (1976)¹, essa obra pode ser também pensada como uma forma de desabafo em decorrência das muitas feridas e marcas deixadas na sociedade latino-americana, se refletimos em todo o contexto histórico, inclusive nos processos sociais e de militância.

Em todo momento ocorre no texto uma ideia de conspiração contra o protagonista Supremo, como também uma batalha interna do personagem com o seu eu, com o seu servo e com o seu povo. De acordo com Sartre:

As liberdades necessárias que a literatura exige não se distinguem das liberdades políticas que o cidadão quer conquistar; basta ao escritor explorar a essência arbitrária da sua arte e fazer-se intérprete das suas exigências formais, para se tornar revolucionário: a literatura é naturalmente revolucionária, quando a revolução que se prepara é burguesa, pois a primeira descoberta que esta faz de si lhe revela os seus vínculos com a democracia política. (1993).

A linguagem presente em *Eu o Supremo* se insere dentro de um conjunto de obras inovadoras (isso se refletimos em relação ao olhar da literatura universal), como, por exemplo: *El señor presidente* (Miguel Ángel Asturias), *El recurso del método* (Alejo Carpentier), *El otoño del patriarca* (Gabriel García Márquez), entre outros, que retrata uma série de personagens característicos de uma literatura política e de relato. O contexto em que *Eu o Supremo* foi escrito (anos 1970) o distingue, que é um dos textos mais conhecidos da literatura paraguaia, pois traz um fato importantíssimo sobre a resistência dentro da própria linguagem, a questão do “eu” e “ele” do protagonista, da “memória” e “des-memória” do ditador marcada pela sua própria escrita dentro do romance, formando uma espécie de hipertexto.

É possível identificar algumas simbologias interessantes presentes na escrita de Roa Bastos, como a presença da pedra-bezoar que lembra uma espécie de “amuleto” ou “objeto mágico”. Assim como, a presença de animais e figuras mitológicas na fala do protagonista e a animalização do homem no discurso do Supremo, que tenta o tempo todo desvalorizar o servo e o povo, colocando o ditador em um “patamar” acima de seus subordinados.

O livro não possui divisão de falas marcadas por travessões, em decorrência disso, ocorre uma mistura de diversas vozes no texto, que é a do narrador, a do personagem principal, a do compilador e de outros personagens, causando uma espécie de fusão dentro da escrita que não é linear. O protagonista pode ser considerado como uma figura mítica, não apenas por ser um personagem histórico (Dr. Francia), mas também por sua forma de ser, por sua peculiar atuação política, por referências à mitologia como o personagem Hércules que gera um discurso misógino, característica de um ditador:

Ei, cuidado! Não te iludas, Dejanira-Andaluza: Hércules já se jogou nas chamas envolto na túnica. Não vás medir minhas calças com meu teodolito.

Do seio tiras alguma coisa. Puxas. Alguma coisa repica sobre o planisfério, entre as constelações do Altar e Pavão Real. [...] Ácido fedor da gata almiscareira. O inconfundível, o imemorial cheiro de mulher. Odor carnal de sexo. Luxurioso, sensual,

¹ “as feridas não cicatrizaram e o perspectivismo de toda escrita literária é determinada por este padecimento, nem o fenômeno, por mais mudanças que tenha experimentado autorizando uma distância interpretativa mais coerente, tampouco foi extinta, nem a empresa de reconhecer nesta nova forma a figura do ditador deixa de ter seus perigos no campo da militância política y social”. (Tradução nossa).

lúbrico, libidinoso, salaz, voluptuoso, desonesto, impudico, lascivo, fornicatório. [...] Fêmea traidora! Oxalá morras de fome de homem! [...]

*Não debes tratar assim às senhoras. Que se pode esperar de ti, velho cachorro **misógino** e colérico! (Bastos, pp. 45, 46 e 47).*

Ao traçar o perfil histórico que influenciou a escrita da obra, podemos considerar as seguintes observações:

a ditadura longa e estéril (a partir da perspectiva literária) do Dr. Francia (1814- 1840); a devastadora Guerra da Tríplice Aliança (1864 - 1870); as constantes guerras civis (1904, 1911 - 12, 1922-23); a absurda Guerra do Chaco (1932 - 35). Esses fatos históricos acrescentam sua condição de país bilíngue que provoca o conflito de se expressar literariamente em castelhano ou em guarani, ou em ambas as línguas. Surge a tese narcisista de que só o guarani poderia expressar a realidade nacional, assim, a narrativa escrita em castelhano tira a sua autenticidade já que não pode ser totalmente paraguaio um personagem que não fale guarani. (Tradução nossa) (RUIZ, p. 436).

RUIZ, aponta fatos históricos que contribuíram para a identidade do Paraguai, fato explorado pelo personagem Supremo de maneira identitária e de valorização do povo, inclusive para diferenciá-lo de seus vizinhos que são constantemente atacados no discurso do protagonista (como Brasil, Buenos Aires, El Dorado etc.) por serem submissos aos jesuítas e europeus. A questão não é narcisista², e sim de resgate da identidade do povo, fato que o personagem faz questão de ressaltar.

É possível considerar a narrativa marcada pelo patriarcado, fato que também auxilia na construção da figura do ditador porque o autor escolhe representar a fala e os pensamentos do Dr. Francia com muita agressividade e rispidez, que remete inclusive a um discurso de ódio:

Não, imbecil, não! Mutila o papel em pedaços muito pequenos até fazê-los perder o sentido. [...] Acaba, imbecil, com tua floricultura escrituária! [...] Metam bala nestes bandidos! (Bastos, p. 26 e 26)

Ainda sobre a construção da figura do personagem principal, parece interessante apontar um outro aspecto do discurso, quando pensamos na definição do verbo **ditar**:

1. transitivo direto e bitransitivo

pronunciar em voz alta (palavras, frases, textos)

para que outra pessoa escreva.

“ele ditou suas últimas vontades”

² [...] la dictadura larga y estéril (desde la perspectiva literaria) del Dr. Francia (1814-1840); la devastadora Guerra de la Triple Alianza (1864-1870); las constantes guerras civiles (1904,1911-12 , 1922-23); la absurda Guerra del Chaco (1932-35). A estos sucesos históricos hay que añadir su condición de país bilingüe que suscita el conflicto de expresarse literariamente en castellano o en guaraní, o en ambas lenguas. Surge la tesis narcisista de que sólo el guaraní podía expresar la realidad nacional; así pues, a la narrativa escrita en castellano se le objeta su inautenticidad ya que "no puede ser del todo paraguayano un personaje que no hable guaraní"

2. bitransitivo

FIGURADO (SENTIDO)•FIGURADAMENTE

fornecer ideias; sugerir, inspirar.

“a saudade da pátria ditou ao poeta belas poesias”

(Fonte: Definições de Oxford Languages, 2021)

Ao refletir sobre a ação do personagem, ele passa toda a obra realmente **ditando** escritos, ideias, vontades, bem como, obviamente, leis, opressões etc. Parece pertinente não deixar de lado esse outro aspecto do ditador, que são também as suas ações (repletas sim de ódio, força, crítica) e é isso que também ajuda a construir a narrativa e a sua personalidade, que passa a se mesclar/confundir com a do compilador e outros personagens no discurso narrativo. Faz-se necessário entender e pontuar as características e diferenças entre ditado e ordem.

É importante apontar diversas revoluções que ocorreram na Europa (como a Revolução Francesa no período de 1789 a 1799) e que foram precursoras de movimentos revolucionários na América Latina, servindo de “input” para o contexto de jogo político e discurso de poder (dentro e fora dele) dessa linguagem que gera uma reflexão em sua própria divisão. Tais precursores geraram uma forma de escrita única para esse tipo de conjuntura, caracterizando-a e associando a obra literária nesse discurso, como o rechaço do Supremo aos europeus, a desvalorização que ele faz dos que lutam ao lado dos que defendem “a coroa europeia”, a associação que ele faz do soldado em ser “escravo” desses revolucionários.

Não quiseram compreender que há certas situações desgraçadas em que não se pode conservar a liberdade senão à custas dos demais. Situações nas quais o cidadão não pode ser inteiramente livre sem que o escravo seja sumamente escravo. Negaram-se a aceitar que toda verdadeira Revolução é uma troca de bens. De leis. Mudança profunda de toda sociedade. (Bastos, p. 37)

Pensando na questão do servo □ senhor / opressor □ oprimido cabe considerar o texto do Discurso de Servidão Voluntária de La Boétie (1576) para associar as relações de poder do ditador na obra de Eu o Supremo como tirano.

No entanto, não é preciso combater esse único tirano, não é preciso anulá-lo; ele se anula por si mesmo, contanto que o país não consinta a sua servidão; não se deve tirar-lhe coisa alguma, e sim nada lhe dar; não é preciso que o país se esforce a fazer algo para si, contanto que nada faça contra si. Portanto são os próprios povos que se deixam, ou melhor, se fazem doutrinar, pois cessando de servir estariam quites; é o povo que se sujeita, que se degola, que, tendo a escolha entre ser servo ou ser livre, abandona sua franquia e aceita o jugo; que consente seu mal, melhor dizendo, persegue-o. (La Boétie, p. 37 e 38)

É curioso perceber que tanto na obra de Roa Bastos, quanto na obra de La Boétie há referências à Atenas, à Grécia, a demais locais e sistemas políticos para construir seus discursos. Mesmo com o espaço de tempo, torna-se válido analisar e refletir como a filosofia, bem como a literatura, apresentam discursos parecidos devido a um cenário histórico e político que se repete.

Em relação às vozes dentro da narrativa e da escrita, na história de Eu o Supremo, narrador e personagem se fundem, causando certa “confusão” no leitor ao entender a multiplicidade presente no discurso, o enigma EU/ELE (remetente) → OUTROS/SUPREMO (destinatário) constrói uma dupla personalidade, trazendo um anacronismo à narrativa.

Demarquei, desinfetei o país, enquanto cortava de um só golpe as sete cabeças dos Lernos que aqui não puderam renascer duplos. O único Duplo é El Supremo. Mas não entendes a expressão ser- dois. Aproxima-te do telescópio. Descobres o escroto do antílope. Observa através da lente: Vê o Cruzeiro invertido; ao mesmo tempo e ao contrário o mete-ouro. (BastoS, p. 45).

O discurso não objetivo é percebido pela duplicidade em toda leitura, que apresenta uma compilação de cadernos, anotações, circulares e documentos registrados nesse texto. Tanto Supremo como seu compilador parecem estar no mesmo plano de escrita, no entanto, segundo Milagros Ezquerro (2003, p. 47) “essa tendência à desintegração, que poderia colocar em perigo a unidade e a homogeneidade da narrativa vem contada pela tendência aglutinante do discurso em primeira pessoa e pela presença omnímota e obsessiva da voz ditatorial” (Tradução nossa).

Percebe-se também uma inovação na narrativa de Eu o Supremo com o escrito à mão no início da narrativa que dá “vida” a esse protagonista, assim como, o caderno privado, as circulares e notas que compõem a obra. É como se o leitor tivesse em suas mãos os fólhos que fazem parte do livro, além do mistério em descobrir o pasquim sobre a falsa morte do personagem.

Esta pesquisa torna-se pertinente para os estudos literários porque busca acrescentar aspectos da figura do ditador no protagonista da obra de Roa Bastos, dialogando com o que se considera como “Literatura de Ditadores” na América Latina. Isto possibilita uma análise específica do personagem Supremo na representação da sociedade moderna, somando-se a outros questionamentos já abordados em trabalhos anteriores como de Carmen Mejía Ruiz (1986) *La figura del dictador en la novela moderna y contemporánea* (narrativa hispanoamericana), Martínez e Castellano (1981) *El dictador hispanoamericano como personaje literario*, Juan Carlos García (1999), *El dictador en la novela hispanoamericana*, Ángel Rama (1976), *Los dictadores latinoamericanos, textos e artigos do crítico literário* Antonio Candido, entre outros.

Torna-se necessário e muito enriquecedor para a pesquisa considerar alguns artigos para leitura e análise da obra, como os de Miliani, Pacheco, Méndez, Navarrete, Melone etc. sobre oralidade, escrita, cultura, polêmica, construção do sentido, intertextualidade e objeto narrativo sobre Eu o Supremo.

Dessa forma, pretende-se procurar compreender as particularidades que ajudam na construção desse personagem percebendo a sua predominância na obra (presente até no título da narrativa) e estabelece uma relação influente entre os personagens, entendendo a obra como um reflexo da sociedade paraguaia e latino-americana em geral, em decorrência do processo sócio-histórico e político.

Pensar esse processo sócio-histórico e político ajuda a entender a construção do personagem e das figuras dos ditadores na América Latina e como isso influenciou na literatura, construindo um prisma literário diferenciado, com recursos já antes utilizados pelas vanguardas do começo do século XX, que foram inspiradas por obras como as de Franz Kafka, James Joyce, William Faulkner entre outros. Isso quanto à forma de narrar e construir uma obra que retrata a realidade utilizando diversos recursos como a metáfora, gêneros textuais diversos, referências históricas e literárias, como é o caso de “Eu o Supremo” e a importância do autor/narrador (personagem?), que é reconhecido por sua literatura como testemunho e história, dando originalidade a esse personagem que repercute na sociedade.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

- O objetivo geral desta pesquisa é analisar os aspectos do protagonista da obra *Eu o Supremo* que o caracterizam como ditador. Considerando o desenvolvimento do personagem na obra com os aspectos sociopolíticos e históricos, gêneros textuais presentes durante a narrativa e recursos literários que ajudam a construí-lo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Interpretar a obra com foco na construção da figura de ditador do protagonista.
- Compreender os recursos literários da obra que ajudam nessa construção.
- Entender referências teóricas para relacionar e caracterizar *Eu o Supremo* como um romance de ditadura e de ditador.
- Justificar os aspectos sociopolíticos e históricos como precursores na construção do protagonista e o reflexo na sociedade atual que influencia na questão da resistência.

METODOLOGIA

A pesquisa incide basicamente na leitura e análise textual da obra *Eu o Supremo* a partir do conceito da figura de ditador e de aspectos da ditadura na construção da narrativa.

O embasamento teórico dessa construção será feito através de leitura e fichamento: de textos teóricos relacionados à figura dos ditadores latino-americanos, como Ángel Rama e Antonio Candido;

Jorge Castellanos e Miguel A. Martínez pelo viés da questão do Ditador hispano-americano como personagem literário; do texto *O discurso de servidão voluntária* de La Boétie para corroborar a análise dos movimentos sociais e políticos; de textos históricos como o de Julio Ramos *Nuestra América: arte del buen gobierno* entre outros; artigos, teses e dissertações sobre a obra de *Eu o Supremo*.

Assim, pretende-se ampliar as leituras e o conhecimento sobre o conceito de ditadura, sobre os aspectos políticos, sociais e históricos para essa análise. Espera-se, ao fim da pesquisa, que se estabeleça uma interpretação a partir de vários prismas sobre o papel do protagonista como ditador e o seu reconhecimento enquanto personagem importante na literatura devido ao reflexo da história na sociedade latino-americana.

Com a ampliação das leituras, espera-se que o conceito de ditadura, sobre os aspectos políticos, sociais e históricos sejam alcançados, assim como a associação desses conceitos com as características do protagonista também.

Almeja-se que ao fim da pesquisa, seja possível estabelecer uma interpretação a partir de vários olhares sobre o papel do protagonista como ditador e o seu reconhecimento enquanto personagem importante na literatura devido ao reflexo da história na sociedade latino-americana.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

DITADURA NA LITERATUR

Por ser a ditadura uma forma de organização política muito forte na América Latina, o reflexo das questões que ela trouxe dentro da sociedade dos diversos países em que se manteve repercutiu na literatura, não apenas como a expressão artística, mas como objeto de memória e resistência.

De acordo com Castellanos e Martínez (1981) até 1970 não existia nada sobre o gênero **romance de ditadura**, a partir dessa data surge o **romance de ditadores**, que retrata um regime político e se concentra na personalidade tirânica de um indivíduo.

Assim, o tema que era recorrente naquela época colaborou para a elaboração de narrativas que retratassem personagens tiranos, cruéis, mas que também possuíam uma personalidade complexa, pois traziam em si certo sentimento de “amor” (ainda que de forma aguerrida) por sua nação; o que é percebido na obra com o protagonista de Eu o Supremo.

O impacto desse modelo de governo na sociedade foi muito forte e isso é relatado nas narrativas literárias. Pensando na ditadura na literatura paraguaia, Ángel Rama (1976) em *Los dictadores latino-americanos* resalta a constituição da nacionalidade paraguaia na obra de Roa Bastos, isso se deve inclusive ao longo período em que o regime ditatorial permaneceu no país:

O Doutor Francia foi apresentado aos olhos de admiradores e inimigos como a encarnação dessa nacionalidade; esse foi seu grande tema histórico, do qual teve a mais alta e clara consciência e ao que concentrou suas energias. Seu propósito central, ao longo dos trinta anos que dura a sua atividade em frente ao governo foi, ainda mais do que preservar, “constituir a nacionalidade paraguaia”³. (p. 26)

O personagem, assim como o seu povo, nasce a partir dessa perspectiva, em meio à política desse regime, o que enrijece o perfil do protagonista e leva ao “sofrimento” do seu povo, criando uma relação complexa e conturbada entre:

Ditador ↔ subordinado ↔ povo.

Para Rama (1976, p. 21):

[...] da literatura, questionamento do sistema verbal que é de fato uma incansável requisitória nascida de uma consciência inquieta, revoltada e convulsionada como o seu tempo, assim como uma ferida viva assume todos os conflitos de um homem latino-americano. Assim que foi publicado, se constituiu em um obrigado ponto de apoio da literatura latino-americana, ou, mais exatamente em um testemunho chave sobre a cultura original da “Nossa América”. (Tradução nossa)⁴.

Essa consciência, entre outros aspectos discutidos por Ángel Rama, ajuda, assim como os demais teóricos apresentados anteriormente, a traçar o perfil do personagem principal da obra. Desse modo, podemos considerar os aspectos que abraçam o livro *Eu o Supremo* como a questão social, histórica, política e cultural. Ao tomar como objeto de estudo uma narrativa como essa, abrem-se inúmeras possibilidades de re(discutir) os temas abordados por Roa Bastos sob uma perspectiva atual, em que se faz necessário retomar a consciência cultural e social de um povo, sobretudo, latino-americano.

³ El Doctor Francia se presentó a ojos de admiradores y enemigos con la encarnación de esa nacionalidad: ése fue su gran asunto histórico, del que tuvo la más alta y clara conciencia y al que aplicó sus energías. Su propósito central, a lo largo de los treinta años que dura su actividad al frente del gobierno fue, aún más que preservar, "constituir la nacionalidad paraguaya". (1976)

⁴ [...] de la literatura, cuestionamiento del sistema verbal que es en los hechos una infatigable requisitoria nacida de una conciencia en vilo, revuelta y convulsionada como su tiempo, a la que pone en llaga viva haber asumido todos los conflictos de un hombre latinoamericano. No bien publicado, se constituye en un obligado punto de apoyo de la literatura latinoamericana, o, más exactamente, en un testimonio clave sobre la cultura original de "Nuestra América".

Em relação à figura do tirano, La Boétie pontua o seguinte:

À vista dos que servilmente giram em redor do tirano, a executar as suas tiranias e a oprimir o povo, fico muitas vezes espantado com a maldade deles e sinto igualmente pena de tanta estupidez. Porque, em boa verdade, o que fazem eles, ao acercarem-se do tirano, senão afastarem-se da liberdade, darem (por assim dizer) ambas as mãos à servidão e abraçarem a escravatura? (2017. p. 68).

Isso nos remete a refletir sobre o discurso do protagonista em *Eu o Supremo*, e toda a sua “supremacia” na narrativa, inclusive no sentido de se “fundir” na fala, causando um estranhamento ao tentar discernir quem é o servo (que parece anular-se ou deixar de existir) e quem é o tirano em alguns trechos da obra.

Todos se acalmam pensando que são um só indivíduo. Difícil ser constantemente o mesmo homem. O mesmo não é sempre o mesmo. Eu não sou sempre EU. O único que não muda é ELE. [...] Se às vezes ELE me olha acontece então que minha cama se levanta e plaina ao capricho dos remoinhos, e EU deitado nela vendo-o todo de muito alto e de muito baixo, até que tudo desaparecesse no ponto, no lugar de ausência. Só ELE permanece sem perder um mínimo de sua forma, de sua dimensão; melhor dito, crescendo-acrescendo de si próprio. (Bastos, p. 42).

Esse tipo de reflexão possibilita associar a obra e a crítica literária com contextos sociais e históricos, contribuindo para entender como esse protagonista se molda.

LITERATURA E DITADURA NA AMÉRICA LATINA

Para pensar a literatura e a sociedade, segundo Antonio Candido:

Para fixar ideias e delimitar terrenos, pode-se tentar uma enumeração das modalidades mais comuns de estudos de tipo sociológico em literatura, feitos conforme critérios mais ou menos tradicionais e oscilando entre a sociologia, a história e a crítica de conteúdo.

Um primeiro tipo seria formado por trabalhos que procuram relacionar o conjunto de uma literatura, um período, um gênero, com as condições sociais. É o método tradicional, esboçado no século XVIII, que encontrou porventura em Taine o maior representante e foi tentado entre nós por Sílvio Romero. A sua maior virtude consiste no esforço de discernir uma ordem geral, um arranjo, que facilita o entendimento das sequências históricas e traça o panorama das épocas. (2009. p. 18 e 19)

Pensando no período em que a obra *Eu o Supremo* foi escrita e ao período em que se refere, vale lembrar que a ditadura na América Latina se caracterizou por revoluções e golpes de Estado, controlada em sua maioria por regimes militares, reflexo do que havia acontecido/acontecia na Europa (Guerra Fria, pós Guerra Segunda Mundial). No caso da América Latina destacou-se por se dar com figuras de alta patente (caudilho) para assumir o poder.

Avaliando o impacto desse regime político, com foco no Paraguai, suas questões econômicas e civis, o golpe ditatorial ocorreu em 1954 comandado pelo general Alfredo Stroessner com a ajuda militar dos Estados Unidos, se fortaleceu ainda mais com os golpes militares na Argentina e no Brasil.

A ditadura violava os direitos humanos com torturas, assassinatos, desaparecimentos, o que levou muitos paraguaios ao exílio (como o de Roa Bastos). Foi um período que durou 35 anos na história do Paraguai, chegando ao fim em 1989, um dos últimos países da América Latina a encerrar esse regime político.

Castellanos e Martínez (1981) comentam que para analisar em como se dá a construção do personagem ditador na obra de *Yo el Supremo* é importante considerar os aspectos externos que “contribuíram” para que a obra fosse escrita e descrevesse o protagonista de forma completa, assim o leitor pode associar e (re)viver o que o povo viveu.

Com essa relação se faz importante pesquisar o tema proposto que resultou em uma obra literária. A análise será elaborada sobre os aspectos que levam à construção desse personagem, entendendo a relação da história com a literatura, neste contexto, que continua muito atual, em que ainda existem conflitos políticos constantes, sendo necessário que se faça um lugar de fala para que o cidadão comum tenha acesso a essas informações, sobretudo como forma de registro.

REFERÊNCIAS

- Baéz, C. (1985). *Ensayo sobre el doctor Francia y la dictadura en Sud-América*. Cromos/Mediterráneo.
- Bastos, A. (2005). *Yo el Supremo*. Ed. Cátedra.
- _____. (1977). *Yo el Supremo*. Ed. Paz e Terra.
- Bignotto, N. (1998). *O tirano e a cidade*. São Paulo: Discurso Editorial.
- Candido, A.; Gomes, P.; Prado, D.; e Rosenfeld, A. (2009). *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1965) *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, Companhia Editora Nacional.
- Castellanos, J.; Martínez, M. (1981). El dictador hispanoamericano como personaje literario. *Latin American Research Review*, Vol. 16, N. 2.
- Ezquerro, M. (2003). “Introducción.” *Yo el Supremo*, Augusto Roa Bastos. Madrid: Cátedra.
- García, J. (1999). *El dictador en la novela Hispanoamericana (tese)*. tspace.library.utoronto.ca.
- Kraniauskas, J. (2021). De la ideología a la cultura: subalternización y montaje. *Yo el Supremo como libro de historia. Convergencia de tiempos Estudios subalternos/contextos latinoamericanos estado, cultura, subalternidad*. Vol. 31. 2001. https://brill.com/view/book/9789004489356/B9789004489356_s014.xml (Acceso: 15 nov. 2021.)
- La Boetie, E. (2017). *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Martin Clare
- Laclau, E. (2005). *La razón populista*. Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires.
- Lima, D. (2019). A memória em *Yo el Supremo* de Augusto Roa Bastos. *Papéis. Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - UFMS*. Vol. 23. N. 46. Campo Grande.
- Melone, J. (2017). La construcción del sentido en *Yo el Supremo*: dictado y orden. *Revista: Anales de Literatura Hispanoamericana*. <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/132493> (Acceso: 15 nov. 2021.)
- Méndez, A. (2021). “Yo el Supremo”: dictadura y polémica. <https://cdigital.uv.mx/bitstream/handle/123456789/4098/197617P70.pdf?sequence=2&i sAllowed=y> (Acceso: 15 nov. 2021.)
- Miliani, D. (1976). El dictador: Objeto narrativo en *Yo, el supremo*. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*. Año 2, n. 4.
- Navarrete, F. (2021). Entre la oralidad y la escritura: una poética del poder en *Yo el Supremo*, De Augusto Roa Bastos. *Connotas. Revista de crítica y teoría literarias*. Versión on-line. <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S2448-> (Acceso: 15 nov. 2021.)
- Pacheco, C. (1984). La intertextualidad y el compilador: Nuevas claves para una lectura de la polifonía en *Yo el Supremo*. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*. Año 10, n. 19.
- Pereira, W. (2015). A sombra dos ditadores: os regimes autoritários nos romances hispano-americanos (1851-2000). In: *As matrizes do Fabulário Ibero- Americano*. (Org.) Nélide Piñon, Gerson Damiani, Maria Inês Marreco. Edusp

- Rama, Á. (1976). Los dictadores latinoamericanos. México. 1976.
- _____. (2000). Un arquetipo del dictador en la literatura. En Miguel Ángel Asturias. El señor presidente. Ed. Crítica Gerald Martin (coord.). Madrid; Barcelona; La Habana; Lisboa; París; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX.
- Ramos, J. (1989). Nuestra América: arte del buen gobierno. In: Desencuentros de la modernidad en América Latina. Literatura y política en el siglo XIX. México: FCE.
- Ruiz, C. (1986). La figura del dictador en la novela moderna y contemporánea (narrativa hispanoamericana). Madrid.
- Saguier, R. (1976) Augusto Roa Bastos e a narrativa paraguaia atual. Letras, Curitiba (25).
- Sartre, J. (1993). O que é literatura? Rio de Janeiro: Editora Ática.
- Silva, G. (2009). A ditadura Paraguaia: os movimentos 14 de Mayo e FULNA e a insurgência contra a repressão de Stroessner (1954-1961). Simpósio Nacional de História. ANPUH – XXV. Fortaleza.
-